



ICPD – Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento
CESAPE – Centro de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão

JACIRENE CARVALHO DE OLIVEIRA SANTANA

UMA ANÁLISE SOBRE O PROCESSO INTERATIVO NO ORKUT

Brasília - DF
2006

JACIRENE CARVALHO DE OLIVEIRA SANTANA

UMA ANÁLISE SOBRE O PROCESSO INTERATIVO NO ORKUT

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCeub/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a Dr^a Joana Ormundo.

Brasília - DF
2006

[...] na vida agimos assim, julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência: assim levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem [...]

Mikhail Bakhtin

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa propõe-se a analisar a interação dialógica presente no Orkut, gênero discursivo emergente da tecnologia digital, sob a ótica de Mikhail Bakhtin. Esta pesquisa também está baseada em autores consagrados, como Manuel Castells, Pierre Lévy, Antônio Marcuschi e outros que preconizam que a interação não é parte integrante exclusivamente da linguagem natural e que a interface homem-máquina proporcionou o surgimento de novas práticas discursivas na sociedade. A fim de situar o leitor no contexto que pretendemos, foi empreendida uma breve retrospectiva histórica da pós-modernidade, tratando da questão do gênero discursivo e de sua transmutação no mundo virtual, bem como do surgimento de um fenômeno característico do ciberespaço: as comunidades virtuais. Neste ambiente de troca, de sociabilidade e de interação são estabelecidos laços e vínculos capazes de influenciar até mesmo na construção da identidade. Não é possível ignorar que a linguagem digital tem proporcionado novas maneiras de interação entre os indivíduos que navegam no ciberespaço.

Palavras-chave: ciberespaço, interação dialógica, gêneros digitais, pós-modernidade, comunidades virtuais.

ABSTRACT

The research aims at analyzing the dialogical interaction in the Orkut website, a discourse mode emergent from digital technology, according to the works of Mikhail Bakhtin. The research is also based on the works of other renowned authors, such as Manuel Castells, Pierre Lévy, Antonio Marcuschi and others who defend that the interaction is not inherent exclusively in natural language and that man-machine interface has fostered the appearance of new discourse practices in the society. In order to set the proper context for the reader, we have attempted to make a brief historical background of post-modernity, dealing with discourse and its transmutation in the virtual world, as well as the formation of a characteristic phenomenon of cyberspace: the virtual communities. In this environment of exchange, of sociability and interaction, bonds which are capable of influencing even the construction of identity are established. It is not possible to ignore the fact that digital language has provided new ways of interaction among the individuals who surf in cyberspace.

Word-keys: cyberspace, dialogical interaction, digital modes, post-modernity, virtual communities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
Capítulo 1 BREVE ANÁLISE HISTÓRICA SOCIETÁRIA DA PÓS-MODERNIDADE	11
Capítulo 2 GÊNEROS DISCURSIVOS EMERGENTES	17
Capítulo 3 O CIBERESPAÇO	
3.1 Conceituação	22
3.2 Analisando a interatividade no ciberespaço	24
3.3 Das comunidades virtuais	26
Capítulo 4 A INTERATIVIDADE DIALÓGICA SOB A ÓTICA DE BAKHTIN	30
Capítulo 5 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	
5.1 Contextualização e características do gênero Orkut	34
5.2 Analisando o <i>corpus</i>	
5.2.1 Considerações iniciais	40
5.2.2 Como se dá a interação dialógica nas comunidades virtuais	42
CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
ANEXOS	
Anexo I	51
Anexo II	54
Anexo III	55

INTRODUÇÃO

Vivemos na era denominada, por alguns sociólogos, de pós-modernidade, aonde as informações chegam instantaneamente, com uma rapidez nunca vista. O mundo, até pouco tempo, tão grande, tão distante parece ter-se tornado menor, mais acessível. Aos seres humanos foi aberto um novo portal comunicativo: a Internet. Por meio dela, passamos a interagir com pessoas que não conhecemos, mesmo que morem a milhares de quilômetros de distância de nós, e a interagirmos de modo diferenciado com aquelas que conhecemos. A partir daí, novos gêneros discursivos emergiram na vida societária. Entre eles, o Orkut.

O russo Orkut Buyukokten, à época, empregado da Google (o mais popular *site* de pesquisa da atualidade) criou o gênero que recebeu o seu nome, com a finalidade de possibilitar aos internautas a criação de uma rede de amigos. A comunidade virtual foi lançada, inicialmente, nos Estados Unidos, mas, após ser “descoberta” pelos brasileiros, fez tanto sucesso em nosso País, houve tantas adesões, que ganhou uma versão em Português. O Orkut nos possibilita tecer uma rede de amigos: aqueles que já conhecemos e que encontramos no mundo virtual; aqueles que há muito não vemos, os amigos antigos; e aqueles que conhecemos por intermédio de outros (que fazem parte da rede) ou por existência de interesses em comum. Mensagens, recados e informações gerais são trocados quase que em tempo real. Portanto, tal gênero discursivo não pode ser ignorado.

Este trabalho propõe-se a verificar a presença da interação dialógica no processo comunicativo do gênero discursivo em destaque, tendo, por objetivo geral, destacar as características da sociedade pós-moderna no que tange à comunicação

virtual – os novos gêneros discursivos – e como objetivos específicos: demonstrar que a interação não faz parte exclusivamente da linguagem natural, mas também da linguagem digital, tornando-se produtora de gênero; pesquisar a existência ou não da interação na comunicação virtual nos Orkuts da Lílian Nathália (19 anos) e da Cilene Carvalho (38 anos), a fim de demonstrar que a interação dialógica independe da faixa etária; além de investigar como se dá a interação nos Orkuts acima citados.

Nessa busca, duas hipóteses foram levantadas:

Por tratar-se de um gênero discursivo característico da sociedade pós-moderna, e embasado na teoria de Bakhtin (1985) e de Marcuschi (2005) que entendem que os gêneros emergentes são transmutações de gêneros já existentes, verificar se o Orkut seria a transmutação do gênero bate-papo, da reunião de amigos em agremiações, clubes e em mesa de bar, ou seja, de grupos que se reúnem em torno de um interesse comum, mesmo que seja unicamente a interação dialógica.

Pesquisar se a interação dialógica é verificada nos atuais gêneros discursivos emergentes, especificamente no Orkut, não importando a faixa etária dos usuários.

Creio ser importante salientar a razão da escolha deste tema. Escolhi analisar o processo interativo no Orkut tendo em vista o fascínio que em mim exerce a comunicação virtual. A maior parte das pessoas da minha faixa etária têm uma certa resistência ou dificuldade em manipular a máquina informacional, em comunicar-se virtualmente (com exceção dos *e-mails*). Porém, em mim, tal tipo de comunicação exerce um fascínio inexplicável. Quando tomei conhecimento, pelos meus filhos adolescentes, do Orkut, logo quis participar dessa lista de amigos. Ingressei nessa rede de amigos e passei a me comunicar com várias pessoas, inclusive com algumas com as quais não tinha oportunidade de interagir.

Além disso, ao estudar Semiótica, encantei-me ao saber que a Professora Joana desenvolve pesquisas relacionadas aos gêneros discursivos emergentes. A sua concepção aberta sobre o assunto, motivou-me a escolher este tema. Portanto, em meu trabalho final de conclusão de curso, buscarei investigar este tema tão fascinante e tão presente no dia-a-dia de nossa sociedade pós-moderna: a comunicação virtual, particularmente por intermédio do Orkut.

Como já mencionado anteriormente, sou usuária do Orkut e, por meio dele, já reencontrei amigos até dos tempos de escola secundária e outros que atualmente moram fora do País. Entretanto, chamou-me a atenção dois Orkuts: o da minha filha, estudante universitária de Publicidade, de 19 anos, e o da minha irmã, professora de canto, de 39 anos. Por que estes dois? Para tentar comprovar que a comunicação virtual não se restringe apenas aos jovens, e sim que ela está acessível a todos quantos a queiram e para demonstrar que a teoria de Bakhtin (interação dialógica) é encontrada nos gêneros digitais.

O trabalho é desenvolvido a partir das seguintes abordagens:

- a) breve análise histórica da pós-modernidade;
- b) definição de gêneros discursivos e análise dos gêneros emergentes;
- c) o *ciberespaço*;
- e) apresentação da teoria de Bakhtin: interação dialógica;
- f) análise do *corpus* (os Orkuts já mencionados) à luz da teoria bakhtiniana.

O arcabouço teórico que dá sustentação a este trabalho encontra base nas doutrinas de Bakhtin (1992) referente à interação dialógica. Um dos maiores pensadores do século XX, Bakhtin concebe a linguagem como uma criação coletiva,

integrante de um diálogo cumulativo entre o “eu” e o “outro”, entre muitos “eus” e muitos “outros”. O autor entende que a interação verbal é o princípio fundador da linguagem e que o diálogo (todo tipo de comunicação verbal) é uma das mais importantes formas da interação verbal, pois pressupõe a existência e a troca de diferentes discursos nas mais variadas relações. A *interação*, portanto, poderia ser definida como a expressão de um para com o outro e para com a coletividade, pois é uma espécie de “ponte lançada entre mim e o outro” (2004, p. 113).

A partir dessa concepção de linguagem, nasce uma das categorias básicas do pensamento bakhtiniano: o dialogismo.

Ao relacionar a teoria de Bakhtin (1992) com um dos gêneros discursivos da atual sociedade pós-moderna, da sociedade em rede – o Orkut –, contamos com a colaboração de autores como Giddens (1991), que faz uma análise histórico-social das transformações por que passa a sociedade, demonstrando que processos de *desencaixes* são a grande característica da sociedade moderna. Manuel Castells (1999; 2001) também vem somar-se a esta análise por ser um preconizador da expressão “sociedade em rede”, referindo-se posteriormente a ela como a Galáxia da Internet. O autor entende que esta galáxia é um “local” onde a interação acontece de forma sincrônica e em tempo real, gerando então variação dos gêneros discursivos já conhecidos das sociedades anteriores. A contribuição de Pierre Lévy (2003) não poderia de maneira alguma ser dispensada, pois o autor também analisa a sociedade digital sob a ótica da cibercultura. Ele entende que as mudanças histórico-sociais muito influenciaram a cultura da sociedade, acrescentando-lhe valores e práticas inovadoras. Tanto Lúcia Santaella (2004) como André Lemos (2004) igualmente participarão desta pesquisa, pois ambos ocupam-se a discutir e a analisar o *ciberespaço*, seu desenvolvimento e suas características. André Lemos

(2004) inicia sua obra fazendo uma análise do fenômeno tecnológico por meio da história conduzindo o leitor à realidade social que hoje vivemos: a virtualidade, concluindo por afirmar que este novo ambiente virtual (a que denomina cibercultura) parece possibilitar novas relações sociais através de agregações eletrônicas. Sob o ponto de vista de Santaella (2004), a “navegação” no *ciberespaço* tornou-se uma prática do mundo contemporâneo e tem ampliado significativamente a prática discursiva, a comunicabilidade dos seres humanos da atual sociedade.

São essas as questões que nos propusemos tratar no presente trabalho de pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

Capítulo 1

BREVE ANÁLISE HISTÓRICO-SOCIAL DA PÓS-MODERNIDADE

Iniciaremos esta breve análise apresentando a ótica do sociólogo Anthony Giddens, professor de Sociologia da Universidade de Cambridge e reitor da London School of Economics and Political Science, autor de várias publicações, entre as quais a que trata do tema deste capítulo: *As Conseqüências da Modernidade* (1991). A opinião de André Lemos (2004) e Manuel Castells (2005) também serão trazidas ao debate, enriquecendo-o e corroborando-o.

Anthony Giddens inicia sua obra definindo modernidade e fazendo uma crítica ao termo *pós-modernidade* utilizado por outros sociólogos (entre os quais Jean-François Lyotard)¹. O autor posiciona-se contrário ao termo por entender que ainda não chegamos nesse estágio. Ele analisa a situação atual como desdobramentos da própria modernidade. Entretanto, não pretendemos discutir aqui se o termo é adequado ou não (não é esse o enfoque neste trabalho). Serão empregados os termos pós-modernidade, modernidade, modernidade tardia e sociedade contemporânea como referência a este momento histórico-social que ora vivemos, batizado de sociedade em rede, por Castells e de cibercultura, por André Lemos.

¹ Jean-François Lyotard, *The Post-Modern Condition* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1985), que compreendia o termo pós-modernidade como “um deslocamento das tentativas de fundamentar a epistemologia e a fé no progresso planejado pela humanidade”.

Segundo o sociólogo Anthony Giddens, a vida é “marcada por certas *descontinuidades*” e desenvolve-se de um modo nada homogêneo (1991). Em várias fases do desenvolvimento histórico, observa-se a existência de descontinuidades específicas. Entende o autor que a vida moderna (período iniciado com o século XVII) trouxe mudanças profundas a ponto de alterarem substancialmente todos os tipos tradicionais de ordem social. Embora em todas as fases históricas da sociedade mudanças tenham ocorrido, em nenhuma delas se observaram mudanças tão “dramáticas e tão abrangentes em seu impacto” (*idem*, p. 14) quanto nos três ou quatro últimos séculos. Para o autor, o conceito de desencaixe nada mais é do que o “deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço” (p. 29). Portanto, o conceito de tempo-espço, tão bem delimitado nas sociedades anteriores, foi esvaziado na pós-modernidade. Atualmente, a comunicação se dá em tempo real. Indivíduos espacialmente separados podem interagir sincronicamente (em tempo real), mesmo que estejam em continentes diferentes distanciados por milhares e milhares de quilômetros e em fusos horários diferenciados. Essa interação tornou-se possível a partir do advento da tecnologia digital. Pode-se afirmar, de acordo com esse ponto de vista, que a pós-modernidade movimenta-se pelo contemporâneo e pelo simultâneo, em tempo sincrônico.

Giddens afirma que os mecanismos de desencaixe são representados por *fichas simbólicas* e *sistemas peritos*. Eis a assertiva do autor:

Por fichas simbólicas quero significar meios de intercâmbio que podem ser “circulados” sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular. Vários tipos de fichas simbólicas podem ser distinguidos, [...] devo me concentrar aqui na ficha do *dinheiro* (p. 30, grifo do autor).

Por sistemas peritos quero me referir a sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje (FREIDSON *apud* GIDDENS, 1991, p. 35).

O maior exemplo citado pelo autor de *fichas simbólicas* é o dinheiro. Por ser capaz de mover os indivíduos de contexto local a global estabelecendo relações sociais por meio do tempo e do espaço, o dinheiro faz o mundo parecer pequeno. Hoje é possível comprar qualquer objeto ou serviço oferecido em outro estado, país e continente pela Internet. A globalização varreu todas as diferenças entre moedas nacionais com o cartão de crédito.

Quanto às *fichas simbólicas*, o sociólogo compreende que estas são resultados das revoluções científicas e do aumento do conhecimento técnico e sua conseqüente especialização. A sociedade pós-moderna está vinculada diariamente a esses sistemas abstratos e com eles interage cotidianamente. Podemos citar como exemplos o sistema bancário, a informática, relação médico/paciente, engenheiro/morador, passageiro/companhia aérea etc. É aquilo que o autor denomina de *faceless commitments*, ou seja, compromisso sem rosto. Os indivíduos compram, vendem e trocam informações, serviços e bens sem que estejam face a face com o vendedor ou fornecedor do objeto, bem ou serviço desejado. Cria-se uma relação de confiança apesar da inexistência do contato face a face. A isso se denomina compromisso sem rosto.

Ambos os mecanismos de desençaixe estão fundamentados na confiança, que, segundo o autor, difere de crença. “A confiança pressupõe consciência de risco” (p. 39), assegura Giddens. Quem confia pode deixar de fazê-lo a qualquer momento se suas expectativas forem frustradas. Dessa forma, o especialista vê-se obrigado a reforçar diante do leigo o seu saber constantemente, o que gera uma grande procura por informações. A busca pelo conhecimento, afirma o sociólogo, tem sido uma das grandes características da atual sociedade. Tem-se primado e dado elevado valor a ela, ao contrário do que acontecia na sociedade pré-

moderna, que confiava na Ciência. Porém, a sociedade contemporânea filtra as informações recebidas e as interpreta, esclarece Giddens, fazendo uma triagem de teorias, conceitos e 'achados' especializados.

Castells (2005, p. 71), por sua vez, compreende que houve duas revoluções industriais: a primeira começou antes dos últimos trinta anos do século XVIII (quando criaram máquinas a vapor, fiadeira, o processo Cort em metalurgia, substituição de ferramentas manuais por máquinas etc.) e a segunda, com o desenvolvimento da eletricidade, do motor de combustão interna, dos produtos químicos com base científica, da fundição do aço e com o início das tecnologias de comunicação. Partilha do mesmo ponto de vista André Lemos (2002, p. 47), que assegura que a revolução industrial pode ser fracionada em dois grandes períodos: na primeira metade do século, um período de adaptação de natureza técnica e econômica (crescimento demográfico, rede bancária, organização industrial, aumento da demanda) e na segunda metade, um período de grandes mudanças na área elétrica, no aço especial, na química de síntese e grande "diversificação dos novos meios de transporte e comunicação". Portanto, "a máquina aparece como o objeto central de um culto novo, presente, hoje em dia, na febre e na fascinação pelas novas tecnologias [...] A comunicação torna-se instantânea e planetária" (*idem*, p. 47-48). A esta forma de organização social Castells designa *sociedade em rede*.

Para o autor, é imperioso reconhecer o novo comportamento social, a nova prática social associada à comunicação pela Internet com vista a interpretá-la sob a ótica da interatividade. Para tanto, inicialmente, é preciso destacar o lugar que tem ocupado a Internet em nossa sociedade. Mesmo entre populações de baixa renda e em países subdesenvolvido, a comunicação virtual tem alterado substancialmente as práticas sociais. Apesar de existir ainda uma parcela

significativa da população mundial que não tenha acesso irrestrito ao computador, o comportamento humano e a sociedade globalizada têm sido afetados por esse novo gênero discursivo, salvo em lugares longínquos, onde vivem ainda poucos grupos em sistema fechado.

Castells (2003) analisa essa nova prática social, corroborando sua teoria com pesquisas realizadas por outros autores, demonstrando que o uso da Internet tem sido significativo na vida profissional, familiar e cotidiana dos seres humanos, apesar da ausência ou do restrito acesso ao computador por países subdesenvolvidos, volto a repetir. “Se alguma coisa pode ser dita é que a Internet parece ter um efeito positivo entre a interação social e tende a aumentar a exposição a outras fontes de informação” (2003, p. 102), afirma o autor.

Os resultados de pesquisas realizadas nos mais diversos países, portanto em situações histórico-sociais diferenciadas, concluem que as relações sem face, as Comunicações Mediadas por Computador, têm fortalecido laços de amizade e até mesmo laços familiares. Segundo Castells:

Eles constataram² que o uso do e-mail contribuía para a interação face a face, por telefone e por carta, e não substituía outras formas de interação social. O impacto positivo do e-mail sobre a sociabilidade foi mais importante na interação com amigos do que com parentes e foi particularmente relevante para a manutenção de contato com amigos ou parentes distantes. (2003, p. 102).

As pesquisas concluíram, portanto, que a comunicação virtual gerou maior interação entre membros da mesma família que moram distantes e maior interação entre amigos virtuais fora do ambiente da rede, em razão do envolvimento virtual. Ou seja, há maior frequência nos telefonemas e nos encontros face a face

² Castells refere-se a Barry Wellman e à sua equipe, autores das pesquisas quanto à interação na comunicação virtual registradas em seu livro (2003).

entre os amigos que se conectam virtualmente do que entre aqueles que não se entrelaçam na rede.

Esta prática social, tão logo surgiu, foi alvo de questionamentos dos lingüistas. Que vem a ser essa comunicação virtual? Como inseri-la no contexto dos gêneros discursivos existentes? São essas as questões que pretendemos tratar no próximo capítulo.

Capítulo 2

GÊNEROS DISCURSIVOS EMERGENTES

Não é o propósito desta pesquisa fazer uma análise histórica da trajetória da comunicação na sociedade até a comunicação virtual. Porém o é o estudo do impacto que a tecnologia digital causou na sociedade contemporânea.

Embora seja um tema razoavelmente novo, tem despertado o interesse de pesquisadores de várias áreas, em especial dos lingüistas, tendo em vista que é perceptível a transformação que a Comunicação Mediada por Computadores (CMC) tem gerado na vida pós-moderna³; ela tem sido “fruto de um verdadeiro movimento social” (LÉVY, 1999, p. 123).

Pierre Lévy (1999) afirma que “as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura” (*idem*, p. 22), ou seja, as verdadeiras relações societárias são formadas por indivíduos que “inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas” (*idem*, p. 23). Os seres humanos, que são pensantes, criativos, imaginativos etc., produzem a tecnologia e, por causa dela, as relações humanas sofrem modificações, sentem os seus efeitos.

A linguagem é própria do ser humano que, ainda bebê, quando sequer aprendeu a pronunciar a primeira palavra, comunica-se, por intermédio do choro, com a mãe, solicitando a atenção dela para atender-lhes às necessidades (fome, sono, frio, dores etc.). O homem busca sempre interagir com o outro, com entidades materiais naturais e artificiais e com idéias e representações. “É impossível separar

³ Termo empregado por Anthony Giddens e outros sociólogos para designar o momento histórico que vivemos atualmente.

o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida” (*idem*, p. 22).

Jamais se imaginou que a tecnologia digital se desenvolvesse tão rapidamente e alcançasse tamanha dimensão a ponto de imprimir modificações no processo comunicativo. O homem passou a interagir com uma máquina (computador) conectada a outras, tecendo, assim, uma grande rede digital que une todo o Planeta e que conecta, aos poucos, tudo a todos. “Nessa teia, comunicações eletrônicas caminham na velocidade da luz (300 mil km/s), em um ‘tempo real’ pode-se dizer, no qual a distância não conta” (BAYLON e MIGNOR *apud* SANTAELLA, 2004, p. 38). Tudo e todos estão conectados em uma rede comunicativa, que tem promovido mudanças no comportamento social do seres humanos.

A comunicação é um espaço interativo que proporciona o surgimento de vários gêneros discursivos. Mas, que é gênero, afinal? Toda enunciação traz marcas características, condições específicas não só pelo seu conteúdo como pelo estilo da linguagem, finalidade e construção composicional. Ora, a comunicação é individual, por isso, o discurso reflete essa individualidade e subjetividade, embora nem todos os gêneros a reflitam (documentos oficiais, ordens militares etc.). É a vontade discursiva do falante que elege os gêneros discursivos a serem utilizados. “Todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo” (BAKHTIN, 2003, p. 282). Ou seja, mesmo que nem nos apercebamos, tudo o que falamos ou escrevemos está marcado pela nossa individualidade e subjetividade. A isso se denomina gênero. Portanto, a escolha lexical, gramatical e composicional do enunciado, associada à relação subjetiva emocionalmente valorativa do objeto e do sentido do enunciado, são fatores influenciadores do enunciado. Com sua visão de mundo, os seus juízos de valores e emoções, por um

lado, e o objeto de seu discurso e o sistema dos recursos lingüísticos, por outro, o falante determina a composição do enunciado.

Mikhail Bakhtin (1985), concebe gêneros discursivos como tipos de enunciados vinculados a situações típicas da comunicação social. Pode-se afirmar que, para o autor, os gêneros são formas de ação: na interação, eles funcionam como índices de referência para a construção dos enunciados, pois balizam o autor no processo discursivo, e, como horizonte de expectativas para o interlocutor, no processo de compreensão e interpretação do enunciado (a construção da reação-resposta ativa). Desse modo, para a interação é necessário tanto o domínio das formas da língua quanto o das formas do discurso, isto é, o domínio dos gêneros do discurso (1985, p. 269-270).

Aprender a falar significa aprender a construir enunciados [...] os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão apropriada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim [...] Se os gêneros do discurso não existissem e nos não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a **comunicação discursiva seria quase impossível**. (2003, p. 283, grifo nosso).

Bakhtin não elabora uma tipologia de gêneros, faz apenas distinção entre os gêneros primários e os secundários. Os primários se constituem na comunicação discursiva imediata, no âmbito da ideologia do cotidiano (as ideologias não formalizadas e sistematizadas). Os gêneros secundários surgem nas condições da comunicação cultural mais "complexa", no âmbito das ideologias formalizadas e especializadas, que, uma vez constituídas, "medeiam" as interações sociais: na comunicação artística, científica, religiosa, jornalística etc. É o gênero primário o objeto de nossa pesquisa, pois nela será analisado um dos gêneros digitais

originado da interação existente nos gêneros discursivos voltados para a ideologia do cotidiano, porém moldado no *ciberespaço*.

Na assertiva do autor, os gêneros constituem-se historicamente a partir de novas situações de interação verbal da vida social que se vão estabilizando no interior das diferentes esferas sociais. Dessa forma, os gêneros discursivos estão ligados às situações sociais da interação: qualquer mudança nessa interação gerará mudanças no gênero. Cada gênero está vinculado a uma situação social de interação típica, dentro de uma esfera social e tem sua finalidade discursiva, sua própria concepção de autor e de destinatário. Eles são correias de transmissão entre a história e a sociedade e a história da linguagem. Charles Bazerman (2005, p. 102) corrobora tal pensamento ao afirmar que “os gêneros moldam as intenções, os motivos, as expectativas, a atenção, a percepção, o afeto e o quadro interpretativo”, trazendo para o momento que se vive as idéias, os conhecimentos, as instituições e estruturas que consideramos centrais à sua atividade.

Logo, parece acertado afirmar que, com a evolução da comunicação digital, os gêneros discursivos até então presentes no contexto histórico anterior à Internet sofreram mutações. A isso, Bakhtin designa *transmutação* e Marcuschi (2005), *variação*. Ambos os autores entendem que os gêneros são moldados e adaptados a cada fase histórica e social da vida societária, que eles são “formas de organização e expressões típicas da vida cultural” (MARCUSCHI, 2005, p. 16). Portanto, pode-se afirmar que o surgimento da Internet não levou à criação de novos gêneros, e sim que eles foram transmutados, ou seja, sofreram variações de acordo com o atual contexto histórico-social.

A interação *on-line* potencializa enormemente a evolução dos gêneros. E, embora se observe que foi o gênero primário – o diálogo do cotidiano – que sofreu

variações no contexto da comunicação virtual, uma característica marcante da comunicação *on-line* é a centralidade da escrita, vez que a tecnologia digital dela depende. A interação virtual é síncrona (em tempo real) e híbrida (há presença tanto da escrita, como de som e imagens). A Internet apresenta uma grande heterogeneidade de formatos e permite muitas maneiras de se desenvolver e operar o processo interativo. Dela emergiram gêneros digitais diversos, entre os quais *e-mail* (o mais popularizado de todos os gêneros digitais, que foi transmutado das cartas e bilhetes), *chats* (sala de bate-papo, das conversas face a face), *blogs* (diário virtual, substituindo o antigo diário), lista de discussão (grupo de pessoas com interesses específicos, que conta com a participação de um responsável, denominado mediador, para organizar e fazer uma triagem dos supostos membros e das mensagens a serem enviadas), videoconferência (voz e imagem sendo utilizados com um objetivo específico não no ambiente físico, mas no *ciberespaço*), aula *Chat* (aula virtual), Orkut etc. É desse último gênero discursivo que iremos nos ocupar neste trabalho de pesquisa.

Todos esses gêneros emergiram da tecnologia digital, que, como afirmamos, tem trazido mudanças no comportamento comunicativo da sociedade pós-moderna. Essa rede comunicativa não só permite como também proporciona a interação entre vários participantes ao mesmo tempo ao redor de todo o mundo. O suporte dos gêneros digitais é o *ciberespaço*, tema da próxima análise.

Capítulo 3

O CIBERESPAÇO

3.1 Conceituação

A palavra *ciberespaço* foi utilizada pela primeira vez por William Gibson em 1984, em sua obra de ficção *Neuromante*⁴. O termo, posteriormente, foi retomado por criadores e usuários de redes digitais. Pierre Lévy define *ciberespaço* como “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (1999, p. 92) e Santaella, “como um sistema de comunicação eletrônica global que reúne os humanos e os computadores em uma relação simbiótica que cresce exponencialmente graças à comunicação interativa” (2004, p. 45). E André Lemos:

Podemos entender o *ciberespaço* à luz de duas perspectivas: como o lugar onde estamos quando entramos num ambiente simulado (realidade virtual) e como o conjunto de redes de computadores interligados ou não, em todo o planeta, a Internet [...]. O *ciberespaço* é um não-lugar, uma *u-topia* onde devemos repensar a significação sensorial de nossa civilização baseada em informações digitais, coletivas e imediatas. Ele é um espaço imaginário, um enorme hipertexto planetário [...] é um espaço sem dimensões, um universo de informações navegável de forma instantânea e reversível (2004, p.128, grifo do autor).

Nele, informações, imagens, sons, vídeos e os mais variados tipos de arquivos são trocados por um número incalculável de usuários ao redor do mundo, separados fisicamente uns dos outros, porém interligados e conectados nesse

⁴ *Neuromante* é uma obra de ficção científica, cuja trama se dá no mundo em que computadores são onipresentes. A história se passa no universo hipertecnológico. Por esta obra o autor foi considerado um dos escritores de ficção científica mais reputados da geração de 80.

ambiente digital. “Entrar na rede”, afirma Santaella (2004, p. 46) , “significa penetrar e viajar em um mundo paralelo, imaterial, feito de *bits* de dados e partículas de luz”.

No *ciberespaço*, há uma reestruturação do conceito espaço-temporal, analisado por Giddens⁵ (1991). Nas sociedades anteriores à contemporânea, os seres humanos tinham-no bem delimitado. Nas sociedades medievais predominava a comunicação oral. As mensagens eram transmitidas na presença do receptor, ou seja, emissor e receptor partilhavam do mesmo espaço físico, do mesmo contexto sócio-histórico e do mesmo universo semântico. Com o surgimento da escrita, um novo portal comunicativo foi aberto. Tornou-se possível enviar mensagens para aqueles que estavam espacial e temporalmente distantes. Até mesmo informações e mensagens emitidas por pessoas que viveram em épocas anteriores ao receptor ou que estavam a milhares de distância deste tornaram-se possíveis de serem transmitidas. Os participantes da comunicação não necessariamente partilhavam o mesmo espaço-temporal (LÉVY,1999, p. 113-114).

Com o incremento da tecnologia, como já mencionei, outro portal comunicativo foi aberto. É claro que o termo *tecnologia* não abarca somente a invenção do computador nem a interconexão que se tornou possível por intermédio dele. Outras invenções surgiram pelo uso da tecnologia, tais como o telefone, a televisão, o videogame (e seus jogos interativos), a biogenética etc. Entretanto, elas não serão analisadas aqui, pois o foco desta pesquisa, como já afirmei inúmeras vezes, é a interação dialógica presente na Comunicação Mediada por Computador (CMC).

⁵ Anthony Giddens, *As conseqüências da Modernidade*, São Paulo: ed. Lucerna, 1991, tema abordado em capítulo anterior.

3.2 Analisando a interatividade no ciberespaço

Conforme salientamos, a comunicação desenvolvida no ambiente digital, no *ciberespaço*, as interfaces homem-máquina, trouxeram mudanças significativas no esquema clássico de comunicação. O emissor não mais exerce o papel de criador, de proprietário da mensagem. Em vez disso, ele “constrói um sistema com rotas de navegação e conexões. A mensagem passa a ser um programa interativo” (SANTAELLA, 2004, p. 163). O receptor, por sua vez, não mais tem uma postura pacífica, estática. A mensagem só ganha significado sob sua intervenção. De certa forma, ele se torna criador, pois pode recompor, modificar, reorganizar, alterar a mensagem recebida.

Afirma Santaella:

Por intermédio de instrumentos materiais (tela, mouse, teclado) e imateriais (linguagem de comando), **o receptor transforma-se em usuário** e organiza sua navegação como quiser em um campo de possibilidades cujas proporções são suficientemente grandes para dar a impressão de infinitude. (2004, p. 163, grifo nosso).

O *ciberespaço* ampliou a comunicabilidade, gerando maior interatividade entre os indivíduos. Não há mais distância que se interponha à comunicação. Usuários conectados por uma rede nesse ambiente virtual trocam todo tipo de informação e mensagens, construindo cada um o seu “eu” sob a influência do discurso do outro. “O princípio que rege a interatividade na rede é o da mutabilidade, da efemeridade, do vir-a-ser em processos que demandam a reciprocidade, a colaboração, a partilha”, afirma Santaella, pois permite aos usuários acessar informações a distância, enviar mensagens, visualizar espaços longínquos, coexistir

em espaços reais e virtuais, pertencer a comunidades virtuais (ambientes virtuais de múltiplos usuários que têm interesses em comum), experimentar a telepresença etc.

Santaella, apoiada na teoria do dialogismo de Bakhtin, compreende que a linguagem dá sentido à vida humana e ganha sentido quando emerge da interação das vozes, da troca, dos deslocamentos entre o que fala e o que ouve. “Dialogismo não significa mero intercâmbio de dois egos habitados de linguagem. A fala não é propriedade privada de um eu, mas transformação contínua de uma pergunta em resposta e vice-versa” (2004, p. 117), aquilo que Bakhtin (1982) denomina de “própria-alheia”.

No *ciberespaço*, a interatividade revela o verdadeiro caráter dialógico da linguagem, pois é patente o fluxo de informação, a troca dialógica entre os usuários da rede. A tecnologia do *ciberespaço* tem agido como vetor de comunhão, de compartilhamento de sentimentos e de religação comunitária, gerando agrupamentos comunitários no ambiente virtual em torno dos mais diversos interesses – tema que passaremos a analisar na próxima seção.

3.3 Das comunidades virtuais

Analisando um dos efeitos da interatividade virtual, Castells (2003) chama a atenção para o “surgimento de novos suportes tecnológicos para a sociabilidade”: as comunidades virtuais. “Comunidades são redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um senso de integração e identidade social” (2001, p. 1). André Lemos (2002) também reconhece esse fenômeno social e o denomina “advento de tribos”. Segundo o autor, ele se dá pela vontade dos participantes de se unirem em agremiações, destacando-se a necessidade dos usuários em compartilhar emoções em comum.

Manuel Castells (2003) observou o deslocamento da comunidade tradicional para a rede, como forma de organizar a interação. As comunidades tradicionais baseavam-se no compartilhamento de valores e na organização social. Muitas delas eram baseadas substancialmente em raízes espaciais, na proximidade física; por exemplo, pessoas que moravam no mesmo bairro, na mesma rua, alunos que estudavam na mesma escola, na mesma sala etc. Mesmo que não houvesse participação ativa naquela comunidade, o indivíduo, de certa forma, encontrava-se inserido nela por razões espaciais. Entretanto, “padrões espaciais não tendem a ter um efeito importante sobre a sociabilidade”, afirma Castells (2003, p. 106). Isso pode explicar a existência das comunidades virtuais, que nasceram de escolhas estratégicas de indivíduos, grupos sociais e familiares. Os usuários da rede selecionam os grupos de sociabilidade virtuais (comunidades) que irão aderir e têm a prerrogativa de criar outros grupos voltados para seus interesses. Portanto, as comunidades virtuais são “formas de sociabilidade construídas em torno de interesses específicos” (2003, p. 110).

Segundo Marcuschi (2005), as comunidades virtuais têm características diferenciadas das comunidades tradicionais, entre elas: a existência de membros, indivíduos que se associam livremente às mesmas; relacionamento (os membros desenvolvem relacionamentos casuais e até mesmo amizades estáveis); confiança e reciprocidade generalizada; valores e práticas partilhados; bens coletivos; e durabilidade (os aspectos acima só se efetivarão se a comunidade tiver longa duração). Poderíamos resumir as propriedades já mencionadas em seqüencialidade, interatividade e conteúdo comum. Logo, as comunidades virtuais fazem parte dos chamados gêneros participativos, preconiza o autor.

Desde o advento da Internet, essa prática social tem gerado as mais diversas críticas, entre elas a do isolamento humano. Sugeriu-se que os homens não mais primariam pelo contato face a face, substituindo-o pela comunicação virtual. Castells entende que esse comportamento social é caracterizado pelo individualismo sim, mas o individualismo em rede. Ou seja, o ser humano, que está, sim, voltado para seus próprios interesses, não está só, isolado de tudo e de todos, ao contrário, interage com outros (interação sem face), por meio de uma rede de comunicação, compartilhando com outros usuários assuntos e informações de seu interesse. Na realidade, a comunicação, em si mesma, se torna a própria meta dessa prática social.

Outra crítica dirigida a esse comportamento social emergente é de que é caracterizado por “laços fracos”. Embora Castells concorde com aqueles que pensam ser a Internet o suporte material para o individualismo em rede, ele entende que ela, por sua vez, é também “eficaz na manutenção de laços fracos, que, de outra forma, seriam perdidos no cotejo entre o esforço para se envolver em interação física (inclusive interação telefônica) e o valor da comunicação”. A Internet é suporte

de laços fracos no sentido de que “raramente constroem relações pessoais duradouras.”(*idem*, 108), pois as pessoas conectam-se e desconectam-se da rede, mudam de interesse, simulam ou encobrem sua real identidade ou ainda migram para outros padrões *on-line*. Entretanto, apesar de sua efemeridade, Castells considera que o ciberespaço tem exercido um papel positivo na manutenção de laços fortes a distância. Caso típico são as relações familiares, que têm sido fortalecidas com o uso da comunicação virtual. O grande suporte do fortalecimento dos laços fortes a distância são os *e-mails*, que marcam “presença”, apesar da distância, porém permitindo que o usuário mantenha uma postura de não-aprofundamento nas relações familiares.

Em virtude “da flexibilidade e do poder de comunicação da Internet, a interação *on-line* desempenha crescente papel na organização social como um todo” (*idem*, 109), afirma Castells. Embora as comunidades virtuais criadas no *ciberespaço* sejam diferentes das comunidades físicas, elas não podem ser consideradas menos intensas ou menos eficazes no que se refere à criação de laços e à mobilização dos usuários. O que ocorre, na verdade, é uma redefinição do conceito de comunidade tal como o conhecíamos. Na comunidade virtual, há menor ênfase ao valor cultural e maior ênfase ao apoio a indivíduos e famílias. “Comunidades são redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um senso de integração e identidade social” (WELLMAN *apud* CASTELLS). Observa-se, então, a existência de flexibilidade na expressão da sociabilidade, a seleção de amizades e o baixo compromisso na participação dos grupos do *ciberespaço*, o que, mais uma vez, reforça a teoria de Castells sobre “laços fracos”.

A Internet também tem proporcionado o desenvolvimento da comunicação híbrida, mas não nos referimos aqui à presença da escrita e de som e imagens nas interações e sim àquela que reúne lugar físico e *ciberespaço*, funcionando este último como um suporte da comunicação virtual. Uma nova noção de espaço tem surgido: físico e virtual estão convivendo lado a lado, um influenciando o outro, lançando os alicerces para novas formas de sociabilização, novas práticas comunicativas, novas formas de organização social. Com o uso dos novos recursos tecnológicos, os seres humanos parecem estar lançando novos padrões de interação social e gerando e alimentando uma nova forma societária: a sociedade em rede.

Capítulo 4

A INTERATIVIDADE DIALÓGICA SOB A ÓTICA DE BAKHTIN

A linguagem constitui a centralidade da obra de Bakhtin. Em seu livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*⁶, Bakhtin desenvolve sua teoria lingüística a partir da análise crítica de duas grandes correntes contemporâneas: o *objetivismo abstrato*, representado principalmente pelo pensamento saussuriano, e o *subjetivismo idealista*, tendo Humboldt como representante de destaque. A primeira considera a língua um sistema estável, imutável e normativo de formas lingüísticas transmitido de geração em geração. A segunda corrente, por sua vez, concebe a língua como uma atividade oriunda da criação individual. Para Bakhtin, a compreensão da natureza da linguagem não está baseada nessas duas orientações, vai além. O autor sustenta a natureza social e evolutiva da língua, portanto, crê que a língua está em constante evolução em decorrência das interações verbais dos interlocutores. Para ele, a língua é um elemento de comunicação e de *interação*, e não um sistema de códigos. “A função central da linguagem não é a expressão, mas a comunicação” (2004, p. 123), daí o fato de o autor considerar importante o par locutor-ouvinte. O essencial é a *interação* verbal existente entre os falantes que, para o autor, é concretizada na enunciação.

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte

⁶ O livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Mikhail Bakhtin teve a sua primeira edição em 1929. A edição utilizado nesta pesquisa foi a 11ª (2004).

lançada entre e os outros. [...] A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (2004, p. 113).

Para o autor, o “eu” não é monádico nem autônomo, é dialógico, pois é por meio do diálogo que se dá o seu conhecimento. Deve-se compreender a palavra diálogo como “toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (2004, p. 123).

Ao defender o dialogismo, Bakhtin contesta a teoria do subjetivismo idealista (que entende que a linguagem é oriunda da criação individual) e ratifica a sua posição utilizando como exemplo o choro do bebê. Entende o autor que mesmo um recém-nascido chora para receber atenção da mãe e para ter as suas necessidades atendidas por ela. O monólogo é um discurso que reconhece somente a si mesmo e o seu objeto, sem considerar a palavra do outro. O diálogo, por sua vez, leva em consideração a palavra do interlocutor e as condições concretas da comunicação verbal. Não se trata apenas de uma conversa entre duas ou mais pessoas, e sim de um extenso conjunto de condições imediatamente moldadas pela troca real entre duas pessoas, que, convém lembrar, não são esgotadas nesse intercâmbio.

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação ininterrupta [...] Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado (2004, p. 123).

Portanto, conceder a idéia do “eu” monádico, ou seja, que a enunciação é monológica, vai de encontro à teoria bakhtiniana. “O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um *auditório social* próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações etc.”, enfatiza o autor (*idem*, p. 112,113). A consciência humana adquire uma nova significação, do ponto de vista do autor, pois “enquanto expressão material estruturada (através da

palavra, do signo, do desenho, da pintura, do som musical, etc.), a consciência constitui um fato objetivo e uma força social imensa” (*idem*, p. 118). Entende o autor que enquanto permanece na cabeça do interlocutor, a consciência é apenas uma “expressão embrionária sob a forma de discurso interior” (*ibidem*), é um esboço e, portanto, tem um raio de ação limitado. Entretanto, quando materializada, torna-se um fato social de grande importância, exercendo um efeito reversivo sobre a atividade mental, qual seja, passa a reestruturar e a dar uma expressão ainda mais definida e estável à vida interior. Portanto, segundo o autor, o nosso mundo interior se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e às orientações possíveis. A isto Bakhtin chama de ideologia do cotidiano. Para ele, “a ideologia do cotidiano constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência” (*ibidem*). E isso parece ser intrínseco do ser humano.

Retornando ao tema da interação verbal, o filósofo ressalta o papel ativo do outro no processo de interação verbal e evidencia a relação dialógica que permeia os enunciados. O processo da fala é interrupto, não tem começo nem fim, preconiza Bakhtin. “É como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu auditório” (*idem*, p. 125). O ser humano, entende o autor, modifica seu discurso em função das intervenções do outro, sejam elas reais ou imaginárias. Logo, ele necessita da colaboração dos outros para definir-se como autor de si mesmo. O aspecto mais importante da constituição do enunciado é a possibilidade de resposta que ele proporciona, uma vez que ele é elaborado em função do destinatário. Verifica-se, então, a existência de uma cadeia discursiva.

Sob o ponto de vista do filósofo, o diálogo é composto por três elementos: o falante, o interlocutor e a relação entre os dois, sendo a língua o produto da interação entre duas pessoas. Os indivíduos envolvidos nessa interação verbal são constituídos enquanto ser histórico e social e influenciam-se mutuamente nessa relação. Afirma o autor:

Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o “fundo perceptivo”, é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. A palavra vai à palavra. É no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação, isto é, a orientação ativa do falante. Esse processo efetua-se em dois planos: de um lado, a enunciação de outrem é recolocada no contexto de comentário efetivo [...]; na situação (interna e externa), um elo se estabelece com a expressão facial, etc. Ao mesmo tempo, prepara-se a réplica (2004, p. 147-148).

De acordo com a teoria bakhtiniana, o diálogo reafirma a natureza sociocultural do enunciado, pois o indivíduo, ao interagir com o seu interlocutor, recebe também influências dele, e estas influências interferirão na estrutura e na organização do enunciado; ou seja, as práticas discursivas e as estruturas lingüísticas se determinam e se influenciam mutuamente. Em outras palavras, a enunciação é um ato responsivo, uma resposta suscitada pelo contexto, ao contrário do monólogo. O enunciador, ao constituir um discurso, leva em conta o discurso do outro. Um determinado enunciado é uma resposta ao que já foi dito antes. Nos discursos, há a presença de diferentes vozes, que respondem uns aos outros ou discordam entre si. Elas têm posicionamentos ideológicos semelhantes ou diferentes. O enunciado é elaborado levando-se em conta o interlocutor e as condições contextuais de sua produção, sendo seu significado construído durante a interação. Portanto, duas questões perpassam o dialogismo: a existência de uma interação permanente entre os participantes do diálogo e a interdependência entre discurso e contexto, de forma que um determina e seleciona o outro.

Capítulo 5

ANÁLISE DO *CORPUS*

5.1 Contextualização e características do gênero Orkut

Antes de nos determos à análise dos *corpus* previamente delimitados, faremos uma contextualização do Orkut, destacando suas peculiaridades como gênero discursivo emergente, de acordo com parâmetros apresentados por Marcuschi (2005), e apresentando suas características.

Trata-se de um *site* de relacionamento criado e batizado com o primeiro nome de seu autor (Orkut Buyukokten), como já mencionado na Introdução deste trabalho, cuja principal filosofia é promover a aproximação virtual entre indivíduos (reaproximando aqueles que já se conhecem no mundo não-digital e também motivando novas amizades).

Segundo dados da revista **Veja**⁷, 24 milhões de visitas foram feitas no *site* em fevereiro do corrente ano, fazendo dele a segunda maior comunidade da Internet – a primeira maior é o Myspace, criada no fim de 2003, pelos programadores americanos Tom Anderson e Chris DeWolfe e muito popular nos Estados Unidos da América. Setenta e três por cento dos usuários do Orkut são brasileiros e apenas 11%, americanos.

⁷ Revista *Veja*, ed. 1.951, de 12 de abril de 2006, ano 30, nº 14, p. 66-68.

Marcuschi (2005, p. 32-38) estabelece alguns parâmetros característicos dos gêneros emergentes. Analisando o Orkut sob tal ótica, é possível caracterizar este gênero como:

- **híbrido**: oferece um cardápio variado – tanto há imagens (foto do usuário, dos amigos e símbolos das comunidades a que pertence) como a escrita, prevalecendo esta. Na página de recados, observa-se a utilização de poucas imagens. *Emoticons* (símbolos criados pelo teclado do computador e “carinhas” que visam a substituir a expressão facial do falante, demonstrando ao leitor o tom de voz da mensagem) podem ser utilizados, bem como recados (*scraps*) em formas geográficas (coração, flor, peixe, pirâmide etc.) desenhados a partir do teclado do computador, mas, como já afirmamos, esses recursos são pouco utilizados nesse gênero. Não é possível transmitir arquivos anexos (músicas, documentos, fotos etc.) via Orkut, embora seja possível anexar *links* e cartões virtuais aos recados (*scraps*) postados (utilizando-se da ferramenta copiar e editar no *link* em que há interesse de compartilhar com o amigo virtual);

- **bilateral**: a conversação é direcionada a um usuário específico de cada vez. É fato que, por meio de uma única página, há *links* de acesso à página de outros usuários (hipertexto). Porém, a interação só se dá bilateralmente, com um usuário de cada vez. Não é possível interagir com mais de um usuário em uma mesma conversa, tal como ocorre nos *chats* (salas de bate-papo);

- **assíncrono, não-simultâneo**: a comunicação não se dá em tempo real. Os recados (*scraps*) podem levar dias para serem lidos e respondidos. Raramente verifica-se a troca instantânea de mensagens;

- **durabilidade indefinida**: participar da comunidade é escolha do usuário. Quando não mais houver interesse em pertencer a ela, é possível deixá-la;

- **características dos scraps:** as mensagens (*scraps*) são descontraídas, informais e de tamanho médio se comparadas às dos *Chats*.

Em sua grande maioria, a comunidade é formada por membros conhecidos do usuário. Parece tratar-se de um *site* de relacionamento que visa à interação e à reaproximação de pessoas que têm um certo nível de relacionamento, independente do grau de amizade e de parentesco e não propriamente estimular que se faça novos amigos virtuais, embora a proposta do Orkut seja mais ampla, qual seja, proporcionar a aproximação de todos quantos desejarem se conhecer.

Para interagir com alguém é preciso, inicialmente, enviar-lhe um convite (há um *link* próprio na página inicial, que será apresentada adiante). O convidado recebe uma notificação por *e-mail* (registrado no perfil do orkuteiro) e, em sua página de Orkut (na parte superior esquerda, acima da foto de apresentação e do perfil), aparece uma janela com a foto de quem convida e com pergunta: “Tem certeza de que Fulano de Tal é seu amigo?” e as opções “sim” e “não”. É possível, antes de adicionar o amigo, examinar o seu perfil acessando a sua página de Orkut.

Cada usuário possui uma página própria em hipertexto, na qual observa-se a multimodalidade (figuras e texto), com os seguintes aspectos: (Anexos II e III)

- abaixo dos *links* de acesso, no canto superior esquerdo, *frame* para foto;
- no centro da página, perfil do usuário: o perfil é preenchido por meio de um formulário prévio, em que o usuário vai respondendo a questões como “quem sou”, “data de aniversário”, “interesses no Orkut”, “religião”, “etnia”, “idiomas que falo”, “visão política”, “humor”, “orientação sexual”, “estilo”, “cidade onde moro”, quais as paixões do usuário, seu gosto para leitura, filmes, música, alimentação, programas de tevê etc. Do meu ponto de vista, é o carro-chefe do Orkut, pois, pela

leitura do perfil, pode-se conhecer um pouco da identidade do usuário, seu gosto, seus *hobbies*, seu ponto de vista sobre política, religião, livros, filmes – o que também é percebido pelas comunidades a que o usuário pertence. Apesar do preenchimento de um formulário, portanto, uma delimitação sobre temas a serem respondidos, há um espaço no qual o usuário pode escrever o que desejar sobre si mesmo. O Orkut separa por *links* (pessoal, profissional, social) o perfil do usuário;

- no lado direito da parte superior, fotos dos amigos virtuais do usuário (a rede de amigos): todos os amigos virtuais adicionados a esta comunidade estão ali arrolados. O visitante ou novo amigo “orkuteiro” pode conhecer os membros daquela comunidade de amigos e procurar outros, a fim de ampliar sua própria rede de relacionamento. Abaixo da foto, há o nome do amigo virtual (raramente é um *nick name*, ao contrário do que ocorre nos *chats*) em hipertexto; ou seja, quando se clica no nome, a página do novo amigo é aberta;

- logo abaixo da foto de apresentação, há *links* que permitem acessar a página de recados, o álbum de fotos (que abriga até 12 fotos), convidar alguém para participar da comunidade, paquerar, denunciar Orkuts que divulguem ou incentivem conteúdos considerados crimes pelas leis do país – tais como racismo, pedofilia, preconceito religioso e de etnia, etc. –, criar depoimento, enviar cantada a alguém etc;

- abaixo desse quadro e antes dos depoimentos, há um espaço destinado a lembrar as datas de aniversário dos amigos “orkuteiros”. Para que seja exibido esse quadro, deve ser feita a configuração no *link* “Configurações”;

- na parte inferior da página, no lado esquerdo, há um espaço destinado aos depoimentos. Depoimentos são testemunhos escritos voluntariamente pelos

amigos que o desejaram acerca do usuário sobre o que pensam a respeito dele e o que representa sua amizade;

- ao lado direito, a relação das comunidades a que pertence o usuário, que se associa àquelas com as quais, de alguma forma, identifiquem-se;

- recentemente, foi criada uma ferramenta de controle de visitação do Orkut. A partir dela, é possível conhecer todas as pessoas que entraram em sua página de Orkut. A opção "visualizações do seu perfil", que se encontra na página inicial, mostra o número de vezes que os membros do Orkut visualizaram seu perfil e lista os últimos cinco membros que o fizeram. Essa atualização é feita diariamente. É possível visitar membros do Orkut anonimamente, bastando apenas desativar a ferramenta de controle. Porém, ao fazê-lo, será desativado também o controle de visitantes do próprio Orkut.

O fato de o Orkut fazer tanto sucesso em nossa sociedade leva-nos a refletir sobre a afirmação de Pierre Lévy (1999) e de Manuel Castells (2003) sobre tal fenômeno. O primeiro afirma que “uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos” (LÉVY, 1999, p.128). O segundo, que “o novo padrão dominante parece fundar-se no que poderíamos chamar de relações terciárias [...], ‘comunidades personalizadas’, corporificadas em redes egocentradas” (2003, p. 108). Este gênero emergente é a representação do “tribalismo” (LEMOS, 2004, p. 85), em que pessoas que se conhecem desejam estar juntas (no caso em especial, no *ciberespaço*) com a finalidade de apenas interagir, compartilhando “emoções em comum” (*idem*).

Passemos, portanto, à análise do *corpus* previamente selecionados – os Orkuts da universitária Lílian Nathália (19 anos) e da Professora Cilene Carvalho (38) – com a pretensão de demonstrar como se dá a interação dialógica dentro

dessa prática social da sociedade em rede, da sociedade que está “alocada” no *ciberespaço*.

5.2 Analisando o *corpus*

5.2.1 Considerações iniciais

Pelo número de recados recebidos diariamente⁸, percebe-se que tanto Cilene Carvalho como Lílian Nathália interagem com um grande número de amigos virtuais. Embora sejam duas pessoas do sexo feminino com uma diferença significativa de idade (nove anos), ambas constroem uma grande rede de interação virtual, demonstrando, portanto, que idade cronológica não é barreira alguma para a interação no *ciberespaço*.

Lílian Nathália afirma, em seu perfil, que não adiciona pessoas que não conhece:

Eu não adiciono quem eu não conheço, quem gostou do meu perfil e acha que daríamos bons amigos, quem quer aumentar seu número de fãs, que acredita ter algo em comum comigo ou quem não tem apenas nada pra fazer. Não adianta me adicionar sem deixar um scrap. Tb odeio mensagens de peixinho, coração, spans, convites de festas e qualquer outra coisa q tenha q clicar. Não estou no orkut para fazer amigos, mas para manter o contato com as pessoas os que já são. Tial!

Disse-me que deseja mesmo é relacionar-se com seus amigos e parentes, não importando a distância que os separa. E que a interação virtual não substitui os encontros face a face. Ao contrário, tem estreitado mais os laços de amizade, permitindo a aproximação entre o virtual e o real. Observa-se também que a interação ocorre a partir da página inicial, do perfil da usuária com o pretendo futuro amigo virtual. A forma como se apresenta é uma maneira de interagir com os

⁸ Cilene Carvalho possui 3.545 *scraps* e Lílian Nathália, 1.212 (números apurados em 27/05/06, data de encerramento desta pesquisa).

leitores, pois a apresentação do perfil acaba por funcionar como raios-X da usuária. E, ao lê-lo, os “orkuteiros” optam ou não em pertencer àquela comunidade virtual.

Cilene Carvalho, por sua vez, não se fecha a novas amizades pelo Orkut e compartilhou comigo que já nasceu dali uma amizade sincera e até um relacionamento face a face. Contou-me, certa vez, que recebeu um convite para adicionar e participar da comunidade virtual de alguém a quem ela não conhecia. Tratava-se de um fã (como professora de canto, tanto ela como o marido, possuem CDs gravados e participações em CDs de grupos musicais), que estabeleceu com ela uma interação *on-line*. Dessa amizade, nasceu um encontro *off-line*. Em férias, o amigo virtual (André Lelles, que mora em Ipatinga – MG) veio a Brasília e teve vários encontros pessoais com ela e o marido. Eles continuam a interagir no *ciberespaço*. Esse fato reforça a teoria de Manuel Castells (2003), de que o virtual tende a aproximar o real.

Como os demais usuários do Orkut, Lílian Nathália e Cilene Carvalho pertencem a várias comunidades virtuais. Selecionamos algumas das comunidades agregadas pelas “orkuteiras”, as quais passaremos a analisar.

5.2.2 Da interação dialógica nas comunidades virtuais

As relações desenvolvidas no Orkut, especialmente entre os membros das comunidades virtuais, sugerem ser de “laços fracos”, como denomina Manuel Castells (2003). São “laços fracos no sentido de que raramente constroem relações pessoais duradouras” (2003, p. 108), afirma o autor, embora haja fluxo permanente de interação. As pessoas se conectam e desconectam da Internet, mudam de interesse quando o desejam e o fazem com uma certa frequência. As formas de sociabilidade são construídas em torno de interesses específicos. Para Castells, essa é a razão da extrema flexibilidade na expressão da sociabilidade e do baixo nível de comprometimento nas relações virtuais (2003, p. 110).

Passemos agora à análise das comunidades de Lílian Nathália e de Cilene Carvalho, com a finalidade de demonstrar que as comunidades virtuais são baseadas em empatia (interesses comuns e gostos partilhados) e em laços fracos:

a) Comunidades de Lílian Nathália

“Eu sou frenética” (em seu perfil, ela se auto-intitula bem extremista, afirma que não mete a mão em porta de banheiro público e que morre de nojo de cabelo morto, aquele que caiu da cabeça); “Não conheço não adiciono” (ela afirma: “Eu não adiciono quem eu não conheço, quem gostou do meu perfil e acha que daríamos bons amigos, quem quer aumentar seu número de fãs, que acredita ter algo em comum comigo ou quem não tem apenas nada pra fazer.”); “Eu escovo os dentes andando” (o que ela realmente faz diariamente), “Coca com doritos” (ela é

apaixonada), “O mundo é dos semi-gordos” (é a visão que tem de si mesma), “Ex-alunos do Colégio Objetivo” (colégio em que cursou o nível médio), “Uniceub–comunicação” (é o curso que frequenta atualmente), “Covinhas de um lado só” (tem covinha só do lado direito), “Eu tenho um nome duplo”, “Síndrome das pernas inquietas” (balança as pernas quando está sentada e na cama, antes de dormir); “Odeio falar depois que acordo”, “Fechei o carro?” (sempre fica em dúvida se o fez), “Eu amo amostra grátis”, “Eu xingo no trânsito”, “Teorias malucas sobre Lost” (seriado a que assiste todos os dias, baixando diariamente os episódios da Internet) etc.

Entrevistei a universitária Lílian Nathália sobre o porquê de ter-se associado a tais comunidades e a resposta que obtive foi “identificação”. A entrevistada informou raramente participar dos fóruns de discussão levantados nas comunidades a que pertence por considerá-los fúteis e despropositados. Os membros lançam discussões superficiais em torno do tema da comunidade e, na grande maioria, os comentários que surgem em resposta a essas discussões são tolos e alguns até de baixo nível. Então, considera não valer a pena participar das discussões. Das comunidades acima citadas, participou apenas três vezes de dois fóruns de discussão da comunidade “Teorias malucas sobre Lost”⁹. Afirmou ainda que a escolha da comunidade se dá, além do tema, a partir da descrição do perfil, dos objetivos e motivos pelos quais foi criada tal comunidade. Se houver identificação com o perfil daquela comunidade, então opta dela participar. Quanto às mensagens enviadas pela comunidade, confessou ignorá-las, apagando de sua caixa de mensagens.

⁹ Lílian Nathália participou apenas duas vezes do fórum “Spoiler (2x19) Teoria Cap. 19/2º Temporada” e uma vez do fórum “Spoiler 2x17 – Os símbolos na porta”.

b) Comunidades de Cilene Carvalho

Observei que as comunidades a que pertence estão, em sua maioria, relacionadas ao seu interesse profissional e vocacional: a música. Vejamos algumas: “Profissão Professora”, “Ed Mota”, “Pedro Mariano”, “Canto Popular”, “Eu amo cantar”, “Eu amo música”, “Sim, eu dirijo cantando”, “Voz é vida”, “Músicos de Brasília” etc. E ainda: “Não saio de casa sem perfume”, “Compulsivos por msg de celular” (afirmou utilizar essa forma de comunicação tanto para amigos e família como para seus alunos), “Eu amo comer”, “Eu sou pontual” (“Sou pontual... do tipo que detesta esperar os outros!!!, afirmou em seu perfil), “Os caçulas sempre são + legais” (é a caçula de sua família), “Não suporto mentiras” (“Não suporto mentiras!!”, consta de seu perfil), “Eu amo a Cilene” (uma comunidade criada por sua filha que entendeu que, assim como ela, há muitas outras pessoas que gostariam de declarar sua admiração e amor pela mãe) etc.

Cilene Carvalho, tal qual Lílian Nathália, manifestou que a escolha da comunidade se dá por identificação. Ao ler o perfil da comunidade, opta por aquela que mais se identifica com sua maneira de pensar sobre o tema proposto. Assim, como Lílian Nathália, confessou raramente participar dos fóruns de discussão propostos pelas comunidades (só participa do fórum da comunidade criada para ela: “Eu amo a Cilene”), por considerar que as discussões são “chatíssimas e não levam a nada” (palavras da entrevistada). Quanto às mensagens enviadas pelos membros das comunidades, demonstrou o mesmo comportamento da “orkuteira” anteriormente analisada: lê e “deleta” as mensagens sem respondê-las.

O perfil do usuário ou da comunidade parece ser a porta de entrada para a interação. Tal como na página pessoal, na página inicial da comunidade há uma

descrição clara do porquê da criação daquela comunidade e a proposta para que todos os que pensam ou se sentem como aquele que a está criando possam também participar dela. Observamos que, se os “orkuteiros” se sentem identificados com a descrição ali feita, concordam com a razão de ser daquela comunidade ou se coadunam com a idéia ali lançada, optam por fazer participar dela (embora não se sintam obrigados a participar dos fóruns de discussão e, em sua maioria, não o fazem).

Ao analisarmos as comunidades das “orkuteiras” acima citadas, é possível dividi-las basicamente em três grupos: *pessoal* (comunidade formada por familiares ou amigos mais íntimos ou ainda por pessoas que pertençam a um grupo fechado, que compartilham do mesmo interesse; ex: integrantes de uma mesma sala de aula ou de um coral), por *proximidade* (formada por pessoas conhecidas cujo relacionamento se dá de modo mais superficial) e por *afinidades* (formada por membros desconhecidos que partilham do mesmo gosto, interesse ou posicionamento).

Sob esse ponto de vista, podemos dividir as comunidades de Lílian Nathália da seguinte forma: 7 (sete) são do tipo *proximidade*, 97 (noventa e sete) por *afinidade* e não há nenhuma comunidade fechada, do tipo *pessoal*.

Das comunidades que participa Cilene Carvalho, 4 (quatro) são do tipo *pessoal*, 16 (dezesesseis) por *proximidade* e 126 (cento e vinte e seis) por *afinidade*.

Foi possível perceber, com o resultado do levantamento realizado, que o número de comunidades por *afinidade* é expressivamente maior do que por *proximidade* ou por grupo *pessoal fechado*, embora isso não implique em participação ativa das usuárias nos fóruns de discussão das comunidades por

*afinidade*¹⁰. Pode-se concluir que as vinculações às comunidades virtuais “podem formar-se a partir de interesses comuns e gostos compartilhados, que a relação é, neste sentido, mais empática” (LEMOS, 2002, p. 153). E esse “sentimento de aderência exclusiva passa a permitir múltiplos *pertencimentos*, onde o indivíduo pode navegar de um grupo para outro” (*idem*, grifo nosso), daí a característica de extrema flexibilidade das relações virtuais e de seu baixo comprometimento, como afirma Castells (2003, p.110).

Portanto, foi possível verificar que as analisadas não mantêm uma relação de envolvimento nem de participação efetiva nas comunidades a que pertencem, ou seja, não acessam o *site* da comunidade freqüentemente e pouco participam das discussões ali propostas. Porém, vinculam-se a elas por uma questão de identificação, de empatia com o tema proposto pelos autores das comunidades, por terem vivido situações semelhantes às expostas pelo criador da comunidade, por terem o mesmo sentimento e/ou por partilharem o mesmo gosto que o fundador da comunidade. E, dessa forma, vão desenvolvendo aquilo que Castells (2003, p. 110) denomina de ‘portfólios de sociabilidade’.

No *ciberespaço*, não há limites que impeçam “os fluxos de signos, os jogos de linguagem” (SANTAELLA, 2004, p. 171), vez que estes ocupam o primeiro plano. A idade cronológica tampouco é empecilho para a interatividade digital, como demonstrado nesta pesquisa. Independentemente de classe social, racial ou idade cronológica, a interatividade cumpre, no *ciberespaço*, o seu papel: colocar “a nu o verdadeiro caráter dialógico da linguagem” (*idem*). Para Bakhtin, nos constituímos à medida que nos relacionamos com o outro, pois os sujeitos falantes são indivíduos reais e concretos que interagem por meio de um conjunto de signos variáveis e

¹⁰ Apenas Lílian Nathália participou três vezes de dois dos fóruns propostos na comunidade “Teorias malucas sobre Lost”, conforme mencionado anteriormente.

flexíveis que se adequam à realidade concreta do enunciado e a comunicação e a interação verbal evoluem na mesma proporção que as relações sociais (2004, p. 124). Com o incremento da tecnologia, as relações sociais evoluíram, transmutando-se em práticas discursivas emergentes no *ciberespaço*.

Pode-se depreender com este estudo que a interação ocorrida neste gênero digital emergente independe de idade. Cilene Carvalho, 19 (dezenove) anos mais velha do que Lílian Nathália está inserida em um número muito maior de comunidades (42 a mais) e possui um número de *scraps* (recados), que não foram objetos desta pesquisa, infinitamente maior¹¹. Por tudo isso, conclui-se que o *ciberespaço* é um lugar de convergência de pessoas e opiniões, não importando valores como idade, crença, nacionalidade etc. no tocante à interação dialógica.

¹¹ Vide nota 7 na página 35.

CONCLUSÃO

Propor a análise do Orkut sob a ótica da interação dialógica pareceu-nos inicialmente uma tarefa árdua, embora fascinante. A fim de atingirmos o resultado, foi necessária a leitura de autores consagrados sobre este tema tão novo, tão emergente e tão intrigante. Novo e emergente por se tratar uma prática discursiva nascida com a tecnologia digital. A sociedade sofreu mudanças substanciais nas mais variadas áreas, entre as quais, na área social. O advento da tecnologia trouxe consigo inovações na maneira de o homem se comunicar. Os indivíduos passaram a interagir por meio de uma máquina (computador), encurtando distâncias e tornando esvaziado o conceito de tempo. A interação deixou de ser apenas face a face para tornar-se virtual, em um ambiente considerado, pelos mais tradicionalistas, irreal, pois que não palpável, porém verdadeiro, vez que nele ocorre grande interação. O conceito que a sociedade conhecia de comunidade sofreu mutações. Parecia que a relação face a face atingiria a extinção, que os indivíduos tornar-se-iam seres isolados, interagindo apenas com teclados e telas de computador. Porém, para surpresa de muitos, dentro desse espaço virtual, verificou-se a abertura de várias possibilidades comunicativas. O homem descobriu-se, ao contrário, interligado a uma grande rede que se expande por todo o Planeta. Não há mais tempo nem distância que impeça ou dificulte a sua comunicação; nem a idade do falante é fator limitador para tal.

Por meio desta pesquisa, foi possível verificar que a interação dialógica, preconizada por Bakhtin há décadas, continua presente nos dias de hoje e que ganhou roupagem nova com a tecnologia digital, mas não perdeu a sua essência. Os seres humanos cada vez mais estão trilhando o caminho da interação dialógica,

fazendo trocas e estreitando relações, como que encantados com o “brinquedo” que lhes permite fazê-lo. Um desses “brinquedos” é o Orkut. Este gênero digital é sinônimo de comunicabilidade, sociabilidade e identidade, e tudo isso se dá em um contexto de alta visibilidade (multimodalidade). Abarca uma hibridade de gêneros (os testemunhos lembraram-me os nossos antigos caderninhos de recordações; as fotos, álbuns de fotografias; os recados, conversas na mesa do bar), mas todos com um mesmo propósito: a interação.

Quero encerrar este trabalho valendo-me das palavras de Manuel Castells (2003, p.111): “[...] os indivíduos estão de fato reconstruindo o padrão da interação social, com a ajuda de novos recursos tecnológicos, para criar uma nova forma de sociedade: a sociedade em rede”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. *Estética da Criação Verbal*. Trad. M.E.G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros Textuais, tipificação e Interação*. Trad. Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 1995.

CASTELLS, Manuel A. *Sociedade em rede*. Vol. I. Trad. R. V. Majer. 7 ed.rev.ampl. São Paulo: Paz & Terra, 2003.

_____. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Trad. Maria Luiza X. de A.Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Ireneu da Costa. 5 ed. São Paulo: Ed. 34, 2005.

_____. *O que é o virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antônio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imerso*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. e NÖTH, Winfried. *Comunicação & Semiótica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

MARTHE, Marcelo. *Mas tem trilha sonora: unir um site de relacionamentos a um serviço de troca de músicas e vídeos é a grande idéia por trás do MySpace*. São Paulo, nº 14, páginas 66-68, abr. 2006.

ANEXOS

(Revista Veja, nº14, ano 39, 12/abr/2006, p. 66-68)

**É como o Orkut, mas
tem trilha sonora**

**Unir um site de relacionamentos a um
serviço de troca de músicas e vídeos
é a grande idéia por trás do MySpace**

.....
Marcelo Marthe

Greg Segall



Anderson (à esq.) e DeWolfe: 68 milhões de usuários e 580 milhões de dólares na conta bancária

O brasileiro é um entusiasta do Orkut. O site de relacionamentos contabiliza 11,5 milhões de usuários no país – aproximadamente a metade de todos os internautas nacionais. O Orkut lhes permite criar um perfil e uma rede de amizades virtuais, participar de comunidades de discussão, trocar mensagens e exibir fotos. É um cardápio variado – mas não tanto quanto poderia ser. Prova disso é o MySpace, um dos maiores fenômenos da internet no momento. Criado no fim de 2003 pelos programadores americanos Tom Anderson e Chris DeWolfe, o site oferece os mesmos recursos do Orkut – e ainda abre espaço para o usuário publicar um blog, veicular canções de sua banda ou divulgar vídeos caseiros. Também é possível capturar arquivos semelhantes de outros internautas para acrescentar a uma lista de sugestões ou simplesmente guardar no computador ou no iPod. Tudo isso faz diferença. O MySpace já deixou a indústria musical, por exemplo, em polvorosa. Estrelas internacionais como Madonna e a banda U2 mantêm perfil no site, ao lado de grupos que não saíram da garagem. Mas é um equívoco pensar no site tão-somente como uma enorme caixa de som virtual. O pulo-do-gato do MySpace está

na união de duas idéias fundamentais na internet: a de rede de relacionamentos e a de troca de conteúdo.

O crescimento do MySpace é vertiginoso. De fevereiro de 2005 a fevereiro de 2006, seu número de visitantes quadruplicou. O site tem hoje 68 milhões de filiados e, em breve, deve ultrapassar o portal Yahoo! como o endereço mais acessado da rede nos Estados Unidos. É necessário destacar, contudo, o peso dos internautas americanos nesse sucesso. Eles compõem 75% do universo de usuários do site. Isso não se deve apenas ao fato de os Estados Unidos serem um país onde o acesso à internet é muito amplo. Tem a ver com a própria natureza dos sites de relacionamento. A idéia de que eles são "comunidades" deve ser levada a sério. Quando já não as conhecem no mundo real, os usuários vão em busca de pessoas que compartilhem com eles os mesmos gostos, as mesmas referências culturais e, claro, a mesma língua. "As pessoas tendem a ser fiéis às comunidades onde seus amigos estão e com as quais se identificam", diz o americano David Card, da consultoria Jupiter Research. O resultado disso é que se observa um padrão curioso ao redor do mundo: a popularidade dos sites de relacionamento oscila bastante de país para país. O Orkut se transformou numa província brasileira na internet: 73% de todos os seus filiados são daqui (contra 11% de americanos, que desistiram, na maioria, de tentar acompanhar as discussões em português). De forma similar, o Friendster é um serviço que faz muito sucesso no Leste Asiático.

Essa fidelidade a um grupo virtual consolidado dificulta a migração de um site de relacionamentos para outro. Refazer uma comunidade num novo ambiente leva tempo. Isso explica por que no Brasil, onde o Orkut impera, a presença do MySpace ainda é ínfima. Mas o poder de atração do diferencial tecnológico não deve ser menosprezado. Com seu serviço de divulgação e troca de arquivos, o MySpace vem roubando usuários de todas as principais comunidades virtuais dos Estados Unidos. E, aos poucos, pessoas de outros países que se interessam por cultura pop – que não deixa de ser uma espécie de língua universal entre os jovens – também vão se filiando ao site, uma vitrine que permite que artistas que saíram do nada virem sensação. Um grupo badalado como o americano Clap Your Hands Say Yeah tornou-se famoso antes mesmo de lançar o primeiro disco, graças ao enorme boca-a-boca que conquistou no MySpace. Algo semelhante acontece agora com o grupo brasileiro Bonde do Rolê. O trio, que até há pouco não gozava de notoriedade nem no circuito alternativo de sua cidade natal, Curitiba, viu a sorte mudar quando veiculou no site suas músicas no estilo do funk carioca. A banda caiu nas graças de um DJ americano – e daí a ser eleita uma das promessas do pop mundial de 2006 pela revista *Rolling Stone* foi um pulo.

Um elemento do MySpace pode irritar o usuário do Orkut. Nesse último site, a navegação é limpa de propagandas. No MySpace, a publicidade invade a tela do usuário sob as mais diversas formas, dos pop-ups (aquelas janelas que surgem a toda hora) às mensagens comerciais. Nem todos os anúncios são inocentes. Mais cedo ou mais tarde, o internauta vai topiar com alguma menção a um site pornográfico – o que já deixa em alerta os pais americanos. O potencial do MySpace para negócios legítimos, no entanto, é alto. A fórmula é considerada tão promissora que, no fim do ano passado, o magnata das comunicações Rupert Murdoch não hesitou em comprar o site de seus fundadores. Desembolsou 580 milhões de dólares para fazer isso.

COMUNIDADES EM GUERRA

As diferenças entre o MySpace e o Orkut, os dois maiores sites de relacionamento da internet





▼ Quem criou ▼
<div style="display: flex;"> <div style="flex: 1; padding-right: 10px;"> <p>Os programadores americanos Tom Anderson e Chris DeWolfe. No ano passado, eles venderam o site a Rupert Murdoch, dono da Fox, por 580 milhões de dólares</p> </div> <div style="flex: 1;"> <p>O turco Orkut Buyukkokten, analista de sistemas do Google, que é o proprietário do serviço</p> </div> </div>
▼ Audiência ▼
<div style="display: flex;"> <div style="flex: 1; padding-right: 10px;"> <p>49 milhões de visitas em fevereiro, o que faz dele a maior comunidade da internet. 75% dos visitantes são americanos, e os brasileiros representam menos de 1%</p> </div> <div style="flex: 1;"> <p>24 milhões de visitas em fevereiro, o que faz dele a segunda maior comunidade da internet. 73% dos usuários são brasileiros e apenas 11%, americanos</p> </div> </div>
▼ Filosofia ▼
<div style="display: flex;"> <div style="flex: 1; padding-right: 10px;"> <p>Não é necessário um convite para ter uma página no site, e qualquer um pode acessar os perfis e os blogs dos usuários. A razão de ser do serviço é estimular as novas amizades por meio das ferramentas de busca por área de interesse</p> </div> <div style="flex: 1;"> <p>Só quem for convidado pode participar ou acessar os perfis dos usuários. Mais que fazer novos amigos, o site estimula os encontros virtuais entre pessoas que já se conheciam na vida real</p> </div> </div>
▼ Atrativos ▼
<div style="display: flex;"> <div style="flex: 1; padding-right: 10px;"> <p>Além da troca de recados e fotos, permite manter um blog e veicular arquivos em áudio e vídeo. Virou uma vitrine para os músicos: o grupo americano Clap Your Hands Say Yeah e o brasileiro Bonde do Rolê ganharam notoriedade graças à exposição no site</p> </div> <div style="flex: 1;"> <p>O usuário pode veicular até doze fotos, com limite de resolução. Fora isso, pode apenas deixar recados instantâneos nas páginas dos amigos</p> </div> </div>
▼ Como lida com a propaganda ▼
<div style="display: flex;"> <div style="flex: 1; padding-right: 10px;"> <p>Além de veicular anúncios, o site criou uma nova forma de propaganda: as empresas podem elaborar os próprios perfis e blogs, que são divulgados em outras páginas</p> </div> <div style="flex: 1;"> <p>Não exibe publicidade de nenhuma espécie. De uns tempos para cá, contudo, o Google tem dificultado o acesso a pessoas que não usam seu sistema de e-mail, o Gmail</p> </div> </div>



Foto Joel Rocha

Anexo II

Página inicial | Amigos | Mensagens | Comunidades | Pesquisar | Mídia | O que há de novo

LilianNth@gmail.com | Configurações | Ajuda | Sair **orkut**



Lilian Nth

111 fãs 1243 recados

social | profissional | pessoal

Quem pode ver meu perfil desta maneira: só eu

home | editar perfil

quem sou eu: **DISLEXOS DE PLANTÃO:** Eu não adiono quem eu não conheço, quem gostou do meu perfil e acha que dariamos bons amigos, quem quer aumentar seu número de fãs, que acredita ter algo em comum comigo ou quem não tem apenas nada pra fazer. Não adianta me adicionar sem deixar um scrap. Tb odeio mensagens de peixinho, coração, spans, convites de festas e qualquer outra coisa q tenha q clicar. Não estou no orkut para fazer amigos, mas para manter o contato com as pessoas os que já são. Tia! <<

Sou beem extremista. Não gosto de falar no telefone. Escovo os dentes andando pela casa. Tenho raízes paraenses e por isso, aqui só o da terminha. Só tomo sorvete de chocolate com calda de chocolate, banana caramelada, flocos de arroz, marshmellow (?), chantilly, granulado e akele palitinho. Escuto música triste pra inspirar. Tenho mania de meias colonidas apesar de usar mto havaianas. Na maior parte das vezes tenho cara de má, mebida, enjoada.. já nasci assim. Não meto a mão em porta de banheiro público. Sou bem sincera, então pense 2x antes de me perguntar alguma coisa. Sundae com calda extra e sem castanhas, por favor! Momo de nojo de cabelo morto. Sim, akele q já caiu da cabeça. Sou mto conselheira sério. Dou valor as pequenas coisas. Um dia quero fazer um boneco de neve com nariz de cenoura e andar de calça jeans na praia. Curiosa*****. Tomo uns 3 litros de água por dia. Já usei freio de burro e meu apelido era robocop. Dizem q tenho o coração de pedra, mas na verdade.. sou bem manteiga derretida. Calço 38/39, mas nem parece vai. Tenho nome de novela mexicana.. melhor deixar pra lá. No mais, apenas mais uma no mundo. Mas uma cabrita domesticada.

aniversário: Agosto 18
idade: 19
idiomas que falo: Português, Inglês (EUA)
cidade natal: Brasília
página da Web: <http://www.fotolog.net/ok/aaaaa>

lista de presentes: [busca.americas.com.br/lista-de-presentes](#) | [romance.bussape.com.br/lista-de-presentes](#) | [centauro.com.br/lista-de-presentes](#) | [bemlegal.com.br/lista-de-presentes](#)

e-mail: LilianNth@gmail.com
país: Brasil

amigos dela (314)



ver rede | ver amigos

comunidades dela (103)



ver todos

Depoimentos (O que os amigos dizem sobre Lilian)



lindina: demorei? naaaaaaada
Lora, quero dizer q nesse tempão q a gente eh amigo, vc eh uma mina mto especial! Brincalhona, tira-onda (kkkkkkkk), sincera, boa filha, gente fina, amiga, farrera... tudo mais! hehehehehe
Q vc consigo tudo de bom na sua vida, com essa familia q eu me amarei! Te adoro, fia! se cuida bjooooos

20/04/2004



Nata: depois do orkut apaga meu depoimento inspiradoo vim aki de novo... nao com a mesma inspiração mais com o mesmo amor e com a mesma boa vontade =)))
lora...
eh com mt orgulho que eu falo que nasceu ha um tempo atras uma GRANDE amizade entre a gente...
a gente pode ficar tempos sem se ver ou se falar que o amor nao diminui, a alegria ao se ver só aumenta e a admiração continua a mesma... admiração sim...
pq vc é amiga, sincera, leal, e como uma boa leonina quando está feliz diverte qualquer um, quando ta de mal humor vira uma leozinha!! como eu né?! afinal quem n tem defeitos?
mas eu adoro essa leoa do jeito que ela é! pq o desafio da amizade, de qualquer relacionamento, da convivência é exatamente esse, aceitar o jeito das pessoas, e não só aceitar como respeitar e amar toda atitude...
é c muita crteza então que eu reafirmo...
que a nossa amizade é verdadeira sim! pois eu te amo em qualquer situação...
pq vc me entende, me aconselha, briga cmg (faz parte né?) e n tenho duvida q me ama!!

22/03/2004

neggs

